



LUCAS HENRIQUE DE BASTOS

**ESTUDO SOBRE A APOLOGIA DE SÓCRATES EM PLATÃO E
EM XENOFONTE**

LAVRAS - MG

2023

LUCAS HENRIQUE DE BASTOS

ESTUDO SOBRE A APOLOGIA DE SÓCRATES EM PLATÃO E EM XENOFONTE

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Filosofia, para a obtenção do título de Licenciado

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama

Orientador

LAVRAS - MG

2023

LUCAS HENRIQUE DE BASTOS

ESTUDO SOBRE A APOLOGIA DE SÓCRATES EM PLATÃO E EM XENOFONTE

STUDY ON THE APOLOGY OF SOCRATES IN PLATO AND XENOPHON

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Curso
de Filosofia, para a obtenção do título
de Licenciado.

APROVADA em ____ de _____ de 2023

Dr. _____ UFLA

Dr. _____ UFLA

Dr^a _____ UFLA

**Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama
Orientador**

**LAVRAS - MG
2023**

Dedico este trabalho aos que me fortalecem.

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer primeiramente a Deus, aos meus pais, a minha namorada, a todos os professores, ao meu supervisor de estágio Carlos Eugênio e em especial ao meu orientador Luiz Roberto Takayama, por tudo.

RESUMO

A proposta desta monografia consiste em uma análise de duas obras importantes em relação ao filósofo Sócrates, a *Apologia de Sócrates* escrita por Platão e a *Apologia de Sócrates* escrita por Xenofonte. Buscou-se discutir suas semelhanças, diferenças, as características do filósofo, e o papel importante que ele teve na sociedade até chegar a sua condenação à morte. O papel que Sócrates teve para o povo ateniense possui várias maneiras de ser visto, pois para algumas pessoas, o filósofo era considerado um sábio e que educava os jovens, mas para outras pessoas, inclusive para um de seus acusadores, Meleto, Sócrates era visto por corromper a juventude e não acreditar nos deuses. O julgamento de Sócrates recebe diversas camadas em ambos os autores e nos possibilita uma melhor interpretação a respeito dos motivos que levaram Sócrates à condenação e à morte. Este trabalho visa elucidar os aspectos políticos envolvidos na condenação do filósofo assim como sua postura filosófica em todos os momentos.

Palavras-chave: Sócrates. *Apologia*. Condenação. Platão. Xenofonte.

ABSTRACT

The purpose of this monograph consisted of an analysis of two important works in relation to the philosopher Socrates, the *Apology* of Socrates by Plato and the *Apology* of Socrates by Xenophon. We sought to discuss their similarities, differences, characteristics of the philosopher, and the important role he played in society until his death sentence. The role that Socrates had for the Athenian people has several ways of being seen, because for some people, the philosopher was considered a wise man who educated young people, but for other people, including one of his accusers, Meleto, Socrates was seen as corrupt the youth and not believe in the gods. The two works analyzed here deal with different readings in terms of content, time and purpose. Socrates' trial receives several layers in both authors and allows us a better interpretation of the reasons that led Socrates to condemnation and death. This work aims to elucidate the political aspects involved in the condemnation of the philosopher as well as his philosophical stance at all times.

Keywords: Socrates. *Apology*. Condemnation. Plato. Xenofonte.

SUMÁRIO

MONOGRAFIA	9
Introdução	9
Capítulo I: O Sócrates de Xenofonte	13
Capítulo II: O Sócrates de Platão	22
Considerações finais	31
Referências	38
PLANO DE CURSO	39
Introdução	39
Justificativa e Objetivos	39
Metodologia.....	39
Roteiro de aulas	40
Referência.....	53

MONOGRAFIA

Introdução

Sócrates é uma das mais importantes figuras do pensamento ocidental e da história da filosofia. Contudo, nosso trabalho aqui não consiste em um mergulho na questão histórica da existência do filósofo, antes disso, a tarefa deste trabalho consiste em uma análise de duas importantes obras sobre o julgamento e a condenação de Sócrates escritas por Xenofonte e Platão. Num primeiro momento tomaremos como objeto de análise a *Apologia de Sócrates* escrita por Xenofonte. Nesse sentido, busca-se compreender, ainda que minimamente, os aspectos problemáticos da obra e outras implicações oriundas do texto de Xenofonte. A própria autoria do texto é motivo de discussão entre os estudiosos.

Goto (2010) destaca que Sócrates é mencionado em dois acontecimentos anteriores à sua condenação à morte que corrobora a ideia de um embate entre Sócrates e o sistema político existente no contexto de Atenas durante os anos 406-404 a.C. De fato, o próprio Xenofonte narra o episódio em que Sócrates se recusa a acompanhar o voto de seus concidadãos a respeito de um julgamento coletivo ou individual de certos prisioneiros. Pouco tempo mais tarde, Sócrates voltou a desafiar a *doxa* se negando a participar da perseguição a Leão de Salamina. A teimosia de Sócrates não era sem motivo. Nos textos de Platão e de Xenofonte pode-se perceber que o filósofo sempre se guiava pela análise criteriosa das definições, pela personificação da sabedoria e pela própria voz do deus.

Vale ressaltar que os diálogos e textos dedicados direta ou indiretamente a Sócrates são quase que inesgotáveis. O recorte que propomos neste trabalho é analisar duas obras que narram o mesmo fato atribuído à biografia de Sócrates, ao seu julgamento. Como mencionamos anteriormente, o filósofo possuía uma rotina bastante significativa, ficava horas conversando e através de sua dialética trazia à luz o conhecimento através de perguntas e desdobramentos respondidos com um alto grau de concludência. Apesar de tudo isso, o saber de Sócrates era um “não saber”, ele propunha a dúvida e possibilidade iminente de crítica e análise.

Existe aqui, portanto, a defesa de uma ideia a favor de um Sócrates sábio e virtuoso. Como assegura Godoy (2003), Aristófanes não escreve sobre um Sócrates justo e virtuoso, pelo contrário, ele ridiculariza o ateniense por meio de uma personagem indolente e pertencente à classe dos sofistas. Sua retórica em praça pública e seus hábitos peculiares marcariam as semelhanças entre o Sócrates de Aristófanes e o Sócrates de Platão e o de Xenofonte. De fato, as breves semelhanças entre os três escritores se esgotam rapidamente diante do tratamento ríspido e até mesmo cruel para com Sócrates. Nosso trabalho, portanto, faz um recorte dentro de uma chave de leitura que traz em seu pano de fundo um Sócrates histórico justo, virtuoso e capaz de grandes feitos. Vale ainda destacar que, mesmo diante das duras sátiras realizadas por Aristófanes, a imagem de Sócrates não fica de toda abalada. Isso significa dizer que mesmo diante das ridicularizações de Aristófanes, Sócrates continua sendo aquele que propõe o diálogo e a contemplação dos mais diversos assuntos e temas.

Deste ponto de vista, nossa pesquisa buscou identificar em Xenofonte e Platão elementos capazes de refletir a inserção de Sócrates dentro do debate público em Atenas durante o fim do século V a.C. Xenofonte oferece dois textos onde a vida de Sócrates é expressada por meio de uma descrição de um mestre virtuoso e prático dentro de sua sociedade; Platão, por sua vez, oferece inúmeros diálogos nos quais Sócrates aparece e é retratado. Dentro dessa diversidade de textos acerca do mestre ateniense, selecionamos os textos de ambos os autores que retratam o julgamento de Sócrates ocorrido em 399 a.C. Nesse sentido, nossos objetos de análise são a *Apologia de Sócrates* escrita por Xenofonte, e a *Apologia de Sócrates* escrita por Platão.

Vale destacar a preocupação e o interesse que Platão possuía para com a política. Toda a vida cotidiana em Atenas estava ligada diretamente ao contexto dos acontecimentos da *polis*. O orgulho e o patrimônio dos cidadãos da *polis* pode ser evidenciada no fato de que um grego antigo concebia a si mesmo enquanto um cidadão, um “animal político”, como diz Aristóteles.

O julgamento de Sócrates ocorreu após o auge político, econômico e cultural da cidade-estado de Atenas, que atingiu seu ápice entre 460 e 430 a.C durante o governo de Péricles. Tomando os dois textos supracitados como objetos de análise, nós nos deteremos em seus conteúdos e procuraremos identificar elementos que possam nos ajudar a compreender o processo enfrentado por Sócrates e de que maneira sua condenação à morte expressou um sintoma específico da sociedade ateniense em que estava inserido. Esse sintoma se manifestaria

através de acusações descompromissadas com a verdade e a tentativa de uma ridicularização não só da figura de Sócrates, mas como também da própria justiça ateniense.

Neste trabalho apresentaremos, num primeiro momento, os problemas internos ao texto de Xenofonte. Nesse sentido, é necessário encarar as questões relacionadas às origens das informações repassadas por Xenofonte, a distância temporal entre o autor e os fatos narrados em seu texto e a própria autoria do texto aqui mobilizado. Esses problemas serão tratados, mas não impedirão que o trabalho avance no sentido de identificar no texto de Xenofonte e no texto de Platão semelhanças e distinções que contribuam para uma compreensão maior a respeito da figura de Sócrates e sua importância dentro da sociedade ateniense do período.

Para além da questão da autoria do texto atribuído a Xenofonte, temos também que nos atentarmos para o fato de que o texto não apresenta o discurso real proferido por Sócrates em seu julgamento. No texto de Xenofonte é possível encontrarmos narrativas de outros momentos da vida de Sócrates anteriores, concomitantes e posteriores ao julgamento do sábio ateniense. Isso foi o que buscamos fazer no primeiro capítulo deste trabalho.

Poder-se-á notar ainda algumas semelhanças e algumas distinções entre os tratamentos textuais deixados por Xenofonte e por Platão. Enquanto Xenofonte busca destacar o caráter virtuoso, útil e prestativo de Sócrates, Platão, por sua vez, tem como um de seus objetivos atacar a ignorância e incompetência dos adversários acusadores do mestre ateniense assim como apresentar um elogio à filosofia na figura de seu mestre .

Posteriormente, o presente trabalho buscou identificar o saldo crítico a ser retirado da *Apologia de Sócrates* escrita por Platão. Neste segundo capítulo, uma das dificuldades encontradas no estudo da obra platônica é o fato de Platão ter escrito diversas obras nas quais Sócrates aparece como personagem principal dos seus diálogos. Sendo ainda uma dificuldade a mais o fato de Platão ao longo de sua vida se afastar do pensamento socrático e se direcionar a reflexões cada vez mais autorais. As questões políticas manifestam, na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão, o confronto entre a crítica socrática à democracia ateniense e o sentimento restaurador da democracia representado na pessoa do acusador Ânito, o qual, dentre os três acusadores de Sócrates, seria o mais respeitado e o mais capaz de instigar a preocupação no mestre ateniense. Platão, em seu texto, também apresentou uma preocupação maior com os termos políticos da acusação feita, uma vez que o discípulo de Sócrates evidencia a corrupção dos jovens, priorizando-a em relação às acusações religiosas. Um Sócrates espontâneo, direto

e até mesmo imprudente em suas falas, são facetas expostas por Platão a respeito de um Sócrates provocador, irônico e com discursos fortes.

Podemos aqui também destacar que a questão política envolvida no julgamento de Sócrates pode ser notada, como indica Platão, na contraposição entre a superioridade da inteligência diante da aclamação popular, o método adotado por Sócrates causaria algum malefício ao contexto ateniense? Em outras palavras, a sabedoria atribuída a Sócrates representaria a busca pelo conhecimento verdadeiro, essa busca, por sua vez, acarretou num embate entre a verdade visada pelo mestre de Platão e a opinião pública de algumas pessoas em Atenas que consideravam o trabalho filosófico pernicioso para a sociedade ateniense. Encontra-se aqui uma preocupação de Platão em contrapor o poder possuído por Sócrates em seu “não saber” e os danos causados por tal sabedoria às autoridades de Atenas.

O tema da morte, assim como em Xenofonte, também aparece em Platão. Desse modo, a morte também poderia ser um bem, já que em vida sempre seguiu a voz do deus e que diante do perigo da morte o deus não o disse para evitá-la, sendo assim possível que Sócrates admitisse a possibilidade da morte enquanto um bem. Sócrates também apresenta profecias para o povo de Atenas, sendo sua condenação um sintoma de uma sociedade doente e que passaria ainda por problemas mais graves em sua sociedade.

Por fim, nosso trabalho apresenta em suas considerações finais algumas conclusões e apontamentos a respeito do saldo crítico obtido tanto na *Apologia de Sócrates* escrita por Xenofonte quanto na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão. Nesse sentido, busca-se apresentar algumas semelhanças e distinções entre a obra platônica e o texto de Xenofonte. Portanto, é importante apontar os diferentes tratamentos dados a Sócrates nos dois autores, a diferenciação também existente na extensão do texto, que também instiga comparações, assim como os aspectos mais demarcados em um ou em outro autor.

Capítulo I: O Sócrates de Xenofonte

As traduções fidedignas das obras de Xenofonte do latim e do grego nos oferecem uma grande contribuição capaz de complementar a visão que temos de Sócrates. Esse complemento se dá na medida em que se somam as inúmeras contribuições de Platão para o entendimento do pensamento socrático. Contudo, é necessário bastante cautela em qualquer afirmação sobre Sócrates, na medida em que os autores que redigiram textos sobre o filósofo guardavam também algo de si nesses textos, não sendo apenas um relato íntegro das ações e modos de Sócrates. Ainda em outras palavras, em que medida os relatos de Xenofonte não são apenas descrições fictícias e ideais de Sócrates? A mesma questão se aplica ao trabalho platônico?

Um dos primeiros problemas que deve ser enfrentado pelo estudioso de algum dos textos de Xenofonte é a própria questão a respeito da autoria dessas obras. Aqueles que defendem a autoria da *Apologia de Sócrates* por Xenofonte seguem de perto as citações e influências de Diógenes Laércio, Demétrio de Magnésia entre outros. Por outro lado, já no final do século XVIII especialistas como Valkenier, Wilamowitz, Tovar entre outros, diziam que a *Apologia de Sócrates* não era tão bem escrita e que continha repetições de outras obras.

Sobre o processo enfrentado por Sócrates, Xenofonte escreveu duas obras, *Memoráveis* e *Apologia de Sócrates*; neste presente trabalho, entretanto, nossas atenções estarão mais focadas como objeto de estudo na obra *Apologia de Sócrates*, como já mencionado.

A *Apologia* não se trata da transcrição, mas sim, da recriação de um discurso real de Sócrates. A leitura dos textos de Xenofonte¹ pode surpreender o leitor mais acostumado com a apresentação que Platão faz de Sócrates. Se compararmos as *Apologias* de Sócrates escritas por Platão e Xenofonte, podemos concluir que na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão temos o relato dos discursos de Sócrates durante seu julgamento em Atenas, mas já na *Apologia de Sócrates* escrita por Xenofonte temos os relatos da vida de Sócrates antes do julgamento, durante as acusações dos atenienses e depois de sua condenação. Ambos os textos comungam de algumas semelhanças, entre essas similitudes estão o teor das acusações contra Sócrates e sua condenação à morte. A ordem de formulação do texto de acusação, o papel atribuído ao

¹ Sabe-se que a tradição filosófica jônica, a prosa ática do século V a.C, a dialética sofística e os temas tradicionais da sabedoria popular são aspectos importantes do texto de Xenofonte, e que a sabedoria popular poderia ser capaz de explicar a presença de elementos e ensinamentos pouco convencionais de Sócrates, sabendo ainda que o cômico possuía um caráter pedagógico em Atenas durante o período clássico.

daimonion, a contraposta pena, as razões de Sócrates e as profecias finais também podem ser entendidas como diferenciações entre as *Apologias* escritas por Platão e Xenofonte.

Vale ainda destacar o propósito autoral das obras tanto de Platão quanto de Xenofonte, assim como as perspectivas dos autores, ou seja, enquanto Platão se coloca como testemunha mais direta dos fatos, Xenofonte procura relatar o que ouviu falar, como já mencionamos anteriormente neste trabalho. Entretanto, constatam-se que as acusações são semelhantes nas duas obras, assim como o formato do julgamento, as acusações, os acusadores, a defesa, a pena e a punição.

É necessário afirmar a dificuldade encontrada por qualquer estudioso do assunto a respeito do verdadeiro conteúdo da discussão interna ao julgamento de Sócrates em Atenas. Enquanto Xenofonte procura apresentar um Sócrates familiar, virtuoso e mais próximo do cotidiano, Platão busca denunciar a arrogância e a incompetência dos atenienses ao condenar o melhor entre todos os homens.

Xenofonte busca evidenciar o conflito entre a filosofia e a sociedade ateniense, colocando Sócrates enquanto representante da filosofia e a sociedade ateniense representada pelos membros da acusação no julgamento. O texto de Xenofonte seria capaz de melhorar o entendimento do que Sócrates representava na sociedade grega em que estava inserido, o texto de Xenofonte em alguma medida busca ser capaz de caracterizar Sócrates enquanto um indivíduo virtuoso, prático, útil e prestativo. Na tentativa de ilibar a memória do mestre, Xenofonte tem como objetivo explicar o motivo que levou Sócrates a não se defender perante os juízes.

Os feitos e os atos memoráveis de Sócrates o transformaram no melhor dos homens, sendo capaz de ter gozado de uma vida feliz e frutífera em detrimento dos sofrimentos da velhice. Xenofonte escreve sobre Sócrates a partir do que o autor gostaria que as outras pessoas pudessem vir a saber sobre Sócrates. Dando ênfase para um Sócrates sem defeitos, sem polêmicas.

Segundo Carlos Garcia Gual (2001, p.12), Xenofonte apresentava certa nostalgia ao se lembrar de Sócrates, considerando-o mestre em virtude e em patriotismo. De maneira até mesmo pedagógica, Xenofonte experimenta em seu *logos Sokratikos* uma mescla do retrato literário e a descrição verídica de Sócrates, e o modelo de pensamento e de conduta a ser seguido.

Para Dinucci (2009), no Sócrates de Xenofonte temos a filosofia em ação para a construção de um ser humano integralmente forte e regente de si mesmo e de suas próprias ações e de seus próprios pensamentos. O Sócrates de Xenofonte é voltado para as questões práticas existenciais como a amizade, o corpo, a paz, a guerra, a servidão e a liberdade. O Sócrates de Xenofonte não é ateu, pois na dúvida deve-se procurar o oráculo, Sócrates segue o costume da *polis* e agrada aos deuses.

A respeito dos fatos ocorridos em 399 A.C, Xenofonte repete o que ouviu da boca de Hermógenes. E nesse sentido, vale destacar os aspectos anteriores ao julgamento de Sócrates. O desinteresse de Sócrates no processo movido contra sua pessoa pode ser expresso na não necessidade de defesa no tribunal, o sábio não se preocupava em tecer uma série de argumentos previamente checados e estudados a fim de se defender das acusações que sofrera.

Acho que vale a pena, também, recordar o modo como Sócrates, quando foi chamado a comparecer diante da justiça, deliberou sobre a sua defesa e sobre o término da sua vida. É verdade que já outros escreveram sobre este assunto e que todos coincidiram na altivez da sua linguagem, pelo que se torna óbvio que foi assim que Sócrates falou; mas não deixaram suficientemente claro que ele tinha concluído que, para ele a morte era já uma escolha melhor do que a vida. (XENOFONTE, 2011, p. 101)

Para Sócrates, todo seu comportamento ao longo de sua vida constituía no fundo a sua própria tese de defesa, ou seja, sua vida pautada pela justiça e pela virtude seria o melhor argumento contra aqueles que o acusavam injustamente. A conclusão socrática de que a morte, naquele momento, era o melhor caminho expressa o conteúdo direto abordado pelo ateniense. Para ele, era evidente que o silêncio do *daimonion* socrático diante da situação de acusação e defesa, mostrava para Sócrates a não necessidade de uma defesa contra a acusação. A vida justa e virtuosa de Sócrates, o silêncio do *daimonion* e a recusa aos sofrimentos derivados da velhice foram os fatores que determinaram a conduta de Sócrates relatada por Xenofonte.

Que consideras tu que há de espantoso em que também o deus ache que é melhor para mim morrer agora? Não sabes que até este momento tenho considerado que nenhum homem usufruiu de uma vida melhor do que a minha? E, o que é mais agradável ainda, eu tinha consciência de ter vivido toda a minha vida com piedade e com justiça, de modo que, tendo por mim próprio grande estima, sentia que aqueles que conviviam comigo me consideravam de igual

modo. Agora, pelo contrário, se a minha idade continuar a prolongar-se, sei que será necessário que sofra as consequências da velhice: ver pior, ouvir menos, ser mais lento a aprender e mais esquecido do que aprendi. (XENOFONTE, 2011, p. 102-103)

No trecho de Xenofonte citado acima, pode-se notar um Sócrates convencido de que tinha vivido uma vida excelente e boa. Além da autoestima socrática, Xenofonte busca evidenciar que a sensação de um Sócrates justo e piedoso era compartilhada por todos que o cercavam. Assim, como fica claro, a opinião de Sócrates a respeito das intempéries oriundas da velhice seriam mais motivos para se aceitar a morte enquanto pena suficiente para as acusações apresentadas. Vale notar ainda que, adiante, no texto de Xenofonte, Sócrates explica que para ele foi guardado um modo de morrer mais fácil, tomando a cicuta. Xenofonte ainda salienta que a saudade se torna inevitável quando a morte chega ao indivíduo que ainda é capaz de entendimento e atividade.

O texto de Xenofonte passa então para um segundo momento, buscando evidenciar Sócrates durante o julgamento e suas palavras direcionadas àqueles que o acusaram duplamente. Em relação a acusação de impiedade para com os deuses de Atenas, Sócrates argumenta que sempre respeitou os ritos sagrados e a religião da cidade-estado, nunca tendo adorado novos deuses, afirmando ainda que a voz que ouve trataria de um oráculo e não uma nova divindade. Já em relação à acusação de corrupção dos jovens, Sócrates apenas salienta o seu papel pedagógico, na medida em que apenas educava os jovens, sendo reconhecidamente um indivíduo capaz de se ocupar dos temas educacionais.

Em Xenofonte, Sócrates cita diretamente Meleto, seu acusador. A citação do algoz pode indicar uma preocupação do autor em contrapor a virtuosidade de Sócrates e a inconsistência de suas acusações.

É que qualquer um dos que aqui estão presentes, incluindo o próprio Meleto, quando queriam, podiam ver-me a fazer sacrifícios nas festas da cidade e nos altares públicos. E quanto às novas divindades, será que consideraram que as introduzia, ao dizer que a voz de deus se manifesta para me dar sinais sobre o que devo fazer? Ora, os que consultam os gritos das aves e as palavras dos homens também baseiam em vozes as suas decisões. Alguém discutiria que os trovões não são vozes ou o mais importante dos presságios? E a sacerdotisa

que tem o seu assento na trípode de Delfos, não anuncia, também ela, a mensagem do deus através da voz? (XENOFONTE, 2011, p.105)

Sócrates busca, portanto, evidenciar que seu *daimonion* se tratava da própria voz dos deuses e que era um sujeito agraciado com tais auxílios divinos. Sócrates chega ainda a afirmar que seus amigos também já foram orientados pela voz e que suas profecias jamais haviam falhado.

Posteriormente no texto de Xenofonte, Sócrates busca explicar em detalhes o episódio de Querofonte no Oráculo de Delfos. Segundo Sócrates, ao se dirigir ao Oráculo sobre a pessoa de Sócrates, Querofonte ouviu de Apolo, que havia respondido na presença de muitas pessoas, que não existia alguém mais livre, mais sábio e mais sensato que Sócrates. Perante os juízes, em seu julgamento, Sócrates confirmou que de fato era o mais livre entre os homens, pois era capaz de não ser servo dos desejos do corpo e das inclinações fúteis como ofertas e salários. Era também sensato, pois sempre buscou o entendimento e seguiu no caminho da investigação racional e do aprendizado daquilo que é bom. Xenofonte ainda busca evidenciar que Sócrates justamente era elogiado não só pelos deuses, como também pelos homens. Esse movimento mencionado acima é importante, pois como salientado pelo próprio Sócrates é necessário não só acreditar nas palavras ditas pelos deuses, mas acima de tudo investigar o sentido de cada uma dessas palavras.

Sócrates continua seu embate com Meleto, passando para a acusação de corrupção dos jovens em Atenas. Questionado por Sócrates sobre quais jovens haviam sido corrompidos por sua influência, Meleto responde que conhece inúmeros jovens que foram desautorizados a obedecer os próprios pais em prol da obediência a Sócrates. O mestre de Xenofonte e Platão não discorda de Meleto afirmando que, em relação à educação, ele, Sócrates, possuía notória capacidade de encaminhar as discussões e coordenar as reflexões. É nesse sentido que Sócrates afirma:

Mas, no que diz respeito à saúde, as pessoas também obedecem mais aos médicos do que aos pais, e também nas assembleias quase todos os Atenienses obedecem mais àqueles que falam com sensatez do que aos parentes. Além disso, não escolheis também para generais, em vez dos vossos pais ou irmãos, ou, por Zeus, de vós mesmos, aqueles que julgais ter mais conhecimento na arte da guerra? (XENOFONTE, 2011, p. 108)

Sócrates passa então a contrapor atividades consideradas importantes dentro da sociedade ateniense ao papel da educação, que para ele é o mais precioso dos bens humanos. Novamente aparece um Sócrates convencido de suas próprias qualidades, colocando-se como o melhor dos educadores e afirmando que, por desempenhar tão nobre função e de tamanha importância social, torna-se alvo da acusação de Meleto e recebe como prêmio uma condenação que pode o levar à morte.

O terceiro momento do texto de Xenofonte representa o período posterior ao julgamento. O próprio autor afirma que não se preocupou em relatar todos os discursos e discussões realizadas no interior do julgamento de 399 a.C.

(...) mas eu não me proponho contar tudo quanto foi exposto no processo; antes, basta-me, acima de tudo, mostrar que Sócrates não cometera nenhum dos crimes de que era acusado: nem fora ímpio para com os deuses nem se mostrara injusto com os homens. E nem pensara em mediante súplicas evitar a morte; antes, considerava até que esse era o momento propício para deixar terminar a sua vida. (XENOFONTE, 2011, p. 109)

Sócrates passa a se recusar a fixar uma pena a si mesmo, pois fixar a si mesmo uma pena seria concordar que tivesse cometido algum crime, e isso contraria o princípio de nunca admitir um crime que não cometeu. Xenofonte afirma que Sócrates abandonou o tribunal, relata o choro e a tristeza dos discípulos, os episódios de Apolodoro, de Anito, a previsão da desgraça. Assim como o episódio onde foi convidado a fugir da cadeia e respondeu a seus discípulos que não conhecia algum lugar aonde a morte não chegaria.

Ao fim do julgamento, Sócrates se dirige aos presentes afirmando que seus algozes haviam cometido os crimes que julgavam ter sido cometidos por Sócrates, ou seja, a injustiça e a impiedade daqueles os convenceram a dar falso testemunho contra Sócrates.

O ensino gratuito do que é bom e belo e a habituação da perseverança e da frugalidade foram os aspectos difundidos por Sócrates aos jovens atenienses. Sua sentença de morte lhe acompanha desde o seu nascimento, não sendo o arbítrio dos juízes capaz de diminuir o orgulho de Sócrates por sua própria vida. Novamente Sócrates destaca os sofrimentos da velhice enquanto argumentos em prol de uma morte mais digna que uma vida ruim. Outra discussão lembrada por Xenofonte se pauta pela avaliação de qual morte seria melhor, a justa ou a morte

injusta? Para Sócrates a morte injusta é melhor, pois caso contrário ela seria a justa medida àquele que a sofre, ou seja, merecer morrer é pior que morrer sem merecer.

A relação com o outro texto socrático de Xenofonte pode ser evidenciada na sabedoria e nobreza do espírito de Sócrates, que era um homem feliz e que deveria ser sempre lembrado, em outras palavras, pelos seus feitos memoráveis. Xenofonte ainda insiste que Sócrates era um homem crente praticante.

Xenofonte deixa claro que os acusadores² não foram capazes de convencer Sócrates a aceitar as acusações e assumir algum crime. Meleto era um poeta trágico, jovem e pouco conhecido, e parece ser mobilizado no texto de Xenofonte enquanto representante da ignorância capaz de imputar a morte injusta a um homem livre, sensato e justo.

Outro fato que merece atenção está no episódio do Oráculo de Delfos, sendo mais contido no texto de Platão se comparado aos detalhes e ao tratamento forte pelo qual o mesmo episódio é mobilizado no texto de Xenofonte. O fato de Xenofonte citar a frugalidade e temperança de Sócrates durante o cerco que Esparta impôs a Atenas durante o último ano da Guerra do Peloponeso e a referência que Sócrates faz ao caso de Palamedes que se tornou sinônimo de morte injusta ao longo da história, indicam que Xenofonte havia lido Platão.

O mentor do processo instaurado contra Sócrates e que terminou em seu julgamento em 399 a.C. foi Ânito, e este, por sua vez, considerava Sócrates um sofista. Considerando ainda as críticas feitas por Sócrates acerca das instituições democráticas e o descrédito da figura de Ânito.

Em ambos os casos, em Xenofonte e em Platão, não temos a tentativa de uma biografia de Sócrates, mas sim uma *Apologia*, em outras palavras, uma defesa das teses e dos comportamentos de Sócrates. Existe também uma distinção temporal entre as perspectivas de Xenofonte e de Platão, enquanto Platão era mais próximo temporalmente de Sócrates, Xenofonte relata o que ouviu falar sobre Sócrates e aquilo que deve ser lembrado sobre o filósofo. Sendo ambas as *Apologias* (Xenofonte e Platão) um trabalho que em certa medida é interpretativo.

² Vale ressaltar aqui que as acusações feitas a Sócrates são formuladas da mesma maneira em Xenofonte, Platão, Eutidemo e em Diógenes Laércio.

Vale ainda ressaltar que o texto de Xenofonte se preocupa mais em versar sobre os discursos de Sócrates, sendo os argumentos de acusação citados de forma indireta. Existe, porém, como mencionado anteriormente, certo consenso sobre as acusações contra Sócrates. Segundo Ana Elias Pinheiro (2008), as acusações usadas contra Sócrates no processo seriam bastante semelhantes às acusações contidas em peças de comédia em Atenas cerca de duas décadas antes do processo enfrentado por Sócrates em 399 a.C.

Sobre as acusações anteriores ao processo enfrentado por Sócrates, é necessário investigar mais atentamente o teor desses comentários cômicos. Ainda acompanhando Pinheiro (2008), a aparência física de Sócrates aparece de maneiras semelhantes tanto em Xenofonte, como em Platão, assim como nas comédias de Aristófanes. A feiura de Sócrates, consequência de uma aparência e feição grosseira, contribuiu para um tratamento pouco regrado a respeito do filósofo. O padrão grego da *Kalokagathia* influenciava a noção de que uma pessoa de aparência grosseira e simples representaria as características de uma pessoa de baixa condição moral, pois desde os tempos dos heróis da cultura grega a *Kalokagathia* colocar como correspondentes a beleza física e a beleza moral.

Nesse sentido, Sócrates rompe não só com o modo de pensamento anterior, mas também parece romper com a idealização da relação entre beleza física e excelência moral. A beleza física era entendida como reflexo da beleza moral, ou seja, o bom indivíduo moral reflete em suas roupas, em sua fisionomia a sua excelência moral, o bom indivíduo também deve ser um belo indivíduo.

Segundo Pinheiro (2008), fica evidente que Sócrates expressa o oposto do padrão definido na *Kalokagathia*, ou seja, uma alma bela, sábia e virtuosa em um corpo feio³, cuja funcionalidade de suas partes e de seus órgãos oferece maior utilidade do que as partes e órgãos de corpo belo. Em outras palavras, um nariz grande e arrebicado sentiria melhor os aromas, as orelhas robustas ouviriam melhor, entre outras características físicas de Sócrates que em alguma medida deixaria o corpo do filósofo mais útil e funcional.

Assim como os Silenos que eram feios e inteligentes, e que na mitologia eram os responsáveis pela educação de crianças divinas e heróicas, Sócrates também seria feio, inteligente e o responsável pela educação dos jovens atenienses.

³ Aqui a grande referência destacada por Ana Elias Pinheiro (2008) é a estátua de Sócrates encomendada pelos atenienses a Lísipo.

Outras semelhanças entre os textos de Xenofonte, Platão e Aristófanes estão na coragem, na persistência e na contenção atribuídas ao caráter de Sócrates, ao aspecto público das atividades do filósofo, a acusação de que Sócrates ministrava ensinamentos imorais, o entendimento de que o *daimonion* se referia a auspícios, oráculos e/ou avisos divinos, o domínio que o filósofo possuía sobre seus próprios desejos.

Para Sócrates, a inteligência humana pode resolver, sem se voltar aos deuses, os problemas que se impõem a ela, ou ainda, Sócrates propõe uma distinção entre questões que tangem diretamente a problemática da existência e das ações humanas e as questões de outra ordem e que fugiram do escopo racional do filósofo.

A crítica que Sócrates fazia ao ensinamento, em especial, mediante a pagamento é semelhante nos casos de Platão e Xenofonte. Contudo, o Sócrates de Xenofonte se apresenta enquanto uma pessoa descomprometida com a política de sua época, admiradora de Esparta, crítico da Oligarquia dos Trinta Tiranos e opositor das injustiças e radicalidades da democracia ateniense.

O juízo de Xenofonte é verossímil, claro e preciso, afirmando a autenticidade das informações. Passaremos agora para a análise mais focada no texto da *Apologia de Sócrates* escrito por Platão. Desse modo, será possível identificar de forma mais clara as distinções e as semelhanças nos tratamentos dados ao julgamento de Sócrates em Atenas.

Capítulo II: O Sócrates de Platão

Antes de passarmos para a análise mais minuciosa do texto de Platão, parece necessário assumirmos a dificuldade de encarar tal temática. Diferentemente do legado de Xenofonte, Platão nos deixou inúmeros diálogos e uma vasta obra na qual a personagem Sócrates nos aparece. Vale aqui destacar que os estudos da obra platônica indicam que as obras ditas de juventude aproximam mais a personagem socrática e do Sócrates histórico, visto que ao longo da trajetória intelectual de Platão vai ocorrendo um afastamento do Sócrates, mestre de Platão, para um Sócrates porta voz das ideias de Platão.

Dito isso, passamos para a análise da obra de Platão conhecida como *Apologia de Sócrates*. Para esta pesquisa utilizamos a versão em português da Coleção Os Pensadores, com tradução de Enrico Corvesieri que introduz o tema da *Apologia* da seguinte maneira: “Escreveu e jurou Meleto, filho de Meleto, do povoado de Piteo: Sócrates é culpado de não aceitar os deuses que são reconhecidos pelo Estado, de introduzir novos cultos, e, também, é culpado de corromper a juventude. Pena: morte” (Platão, 1999, p.59).

Na introdução à *Apologia de Sócrates*, Enrico Corvesieri nos lembra de que a acusação sofrida por Sócrates não poderia ser feita por Atenas, enquanto *polis*, mas sim por um cidadão que assumisse todas as responsabilidades sobre a acusação feita. Além do desconhecido Meleto, também aparecem como acusadores de Sócrates: Lícon, que possuía pouco apreço pelos seus pares, e Ânito, acusador mais respeitável, que conhecia Sócrates, era um eminente cidadão de Atenas e motivo de preocupação por parte de Sócrates.

Assim como relatado por Sócrates ao fim do julgamento descrito por Platão, o mestre Sócrates fora condenado por questões políticas e não necessariamente pelas acusações que eram feitas contra ele. Sócrates era um crítico da Democracia, enquanto Ânito era um restaurador da Democracia.

O propósito do processo contra Sócrates em 399 a.C não era matá-lo, mas sim afastar o filósofo para longe de Atenas. A condenação à morte ocorreu pela própria teimosia de Sócrates. A prioridade que o mestre de Platão estabelece para a acusação de corrupção dos jovens sinaliza para as preocupações políticas envolvidas no processo em detrimento das acusações religiosas.

Essas questões políticas parecem indicar certos efeitos da consciência democrática desenvolvida em Atenas no final do século V a.C. Assim como a percepção criada a partir da crise ateniense, das Guerras Pérsicas e da expedição à Sicília, para citar alguns fatos que mudariam a trajetória de qualquer povo.

A *Apologia de Sócrates* escrita por Platão, apresenta em seu preâmbulo (na versão Os Pensadores) um elogio à persuasão e a eloquência dos acusadores de Sócrates. Contudo, o interlocutor ainda evidencia a falta de veracidade dos argumentos trazidos pelos acusadores de Sócrates. Outro aspecto que chama a atenção é a narrativa em prol de um Sócrates espontâneo, direto e não tanto prudente nas palavras e em seus discursos, recusando a retórica “florida” de seus acusadores:

Desconheço, atenienses, que influência tiveram meus acusadores em vosso espírito; a mim próprio, quase me fizeram esquecer quem sou, tal o poder de persuasão de sua eloquência. De verdades, porém, não disseram nenhuma. (...) Seja como for, repito-o, de verdades eles não disseram alguma; de mim, porém, vós ouvireis a verdade inteira, Mas não, por Zeus, atenienses, não ouvireis discursos como os deles, aprimorados em substantivos e verbos, em estilo florido; serão expressões espontâneas, nos termos que me ocorrerem, porque deposito confiança na justiça do que digo; nem espere outra coisa qualquer um de vós. Verdadeiramente, senhores não ficaria bem a um velho como eu vir diante de vós modelar seus discursos como um rapazinho. (Platão, 1999, p.65)

As lendas se referem a uma revolta do Patriarcado contra o Matriarcado, onde os deuses reivindicaram seus lugares de domínio em relação às deusas, portanto, a acusação de empreendimento de novos deuses e cultos não seriam substanciais para uma culpabilização do filósofo. Considerando a anistia defendida pelo próprio Ânito e Trasíbulo, Sócrates não poderia ser culpado por esses atos, possivelmente relativizado em circunstâncias passadas. É fundamental entendermos que havia certo contexto onde a relação entre política e a religiosidade era muito estreita, ou seja, a relação entre o cidadão e os deuses também refletia na sua relação com a *polis*.

Todo ensinamento de Sócrates era perigoso. Mas, o que significava a sabedoria de saber que não se sabe? A superioridade da inteligência diante da soberania popular pode ser evidenciada através do questionamento constante de Sócrates a respeito do conhecimento das autoridades, a exigência de que o piloto do barco conheça seu ofício e sua embarcação.

A questão política presente no processo contra Sócrates em 399 a.C., além de ser evidenciada na contraposição entre o saber e a aclamação do povo, também é presente no fato de que Sócrates manteve relações com os Trinta Tiranos⁴. Passemos agora a analisar a defesa de Sócrates registrada na obra de Platão diante das acusações feitas por Ânito, Meleto e Lícon.

As acusações contra Sócrates são apresentadas no texto platônico, se tanto, de forma indireta. Em outras palavras, é por meio das palavras de Sócrates que Platão faz saber das acusações enfrentadas pelo filósofo. Sócrates propõe um tratamento distinto para as acusações, num primeiro momento, enfrentando aqueles que lhe acusavam no passado. Sócrates inclusive afirma que os acusadores do passado lhe causavam mais temor que Ânito e seus amigos presentes no julgamento. Contudo, Sócrates não deixa de se referir a seus acusadores enquanto mentirosos. O texto platônico aponta como os acusadores do passado aqueles que faziam parte da geração anterior àqueles que acusam Sócrates no julgamento, como o presente Ânito.

A personagem Sócrates indica que enquanto jovens que deveriam ser educados, seus acusadores acompanhados por Ânito recebiam dos mais velhos de sua época (acusadores do passado) acusações falaciosas sobre Sócrates. A obra de Platão destaca a fama atribuída a Sócrates de ser um homem sábio que investiga sobre as coisas do céu e da terra, as coisas obscuras e de dar razão para ideias fracas. Tais acusações foram feitas, segundo Platão, enquanto seus concidadãos ainda eram crianças e bastante jovens, fazendo crescer na opinião pública a ideia de que Sócrates, entre outras coisas, não acreditava nos deuses.

Outro elemento que o texto de Platão traz é o fato de que esses antigos acusadores não poderiam ser citados e nem ao menos se encontravam vivos.

E o que é mais assombroso é que seus nomes não podem sequer ser citados, exceto o de um comediógrafo; porém os outros - os que, por inveja ou por vício em fazer falsas acusações, procuraram colocar-vos contra mim, ou os pretenderam convencer os outros por estarem verdadeiramente convencidos e de boa fé -, esses todos não podem ser encontrados, nem se pode exigir que ao menos alguns deles venham até aqui, nem acusar ninguém por difamação, e, em verdade, a fim de me defender só posso lutar contra sombras, e acusar de mentiroso a quem não responde. (Platão, 1999, p.68)

⁴ Sócrates menciona durante o julgamento que não se rendeu às pressões dos trinta tiranos e não participou da conspiração política que como tinha sido sugerido.

Platão também salienta o respeito que Sócrates possuía em relação ao ordenamento jurídico da *polis*, inclusive nos levando a entender que Sócrates apenas enfrentou o julgamento por entender que em relação à lei é necessário obedecer e defender-se.

Segundo Platão, a acusação de Meleto foi motivada pelas acusações do passado, assim como as que aparecem nas comédias de Aristófanes, que o texto platônico afirma continuamente se tratar de tolices.

Sócrates é colocado no diálogo como aquele que não instruiu os jovens em troca de dinheiro, que apesar de não ver problemas na prática, atribui tal atividade aos sofistas Górgias, Pródico e Hípias, salientando ainda que Cálias teria sido assíduo cliente da prática sofista na cidade de Atenas. Esse movimento na *Apologia* expressa o afastamento da prática filosófica de Sócrates da prática dos sofistas. O texto apresenta ainda um possível diálogo entre Sócrates e Cálias, no qual Sócrates mostra que não seria capaz de ensinar aos filhos de Cálias, ao contrário de Eveno de Paros que cobraria pouco para a realização de tal ato.

Mas quais atos fizeram de Sócrates alvo das acusações que sofrera em 399 a.C? A sabedoria humana de Sócrates em contraposição à sabedoria sobre-humana dos sofistas. A sabedoria humana foi confirmada pela pitonisa em Delfos diante de Querofonte, figura séria e de credibilidade em Atenas, segundo a fala de Sócrates no debate.

A causa de tanto ódio ao comportamento de Sócrates se origina na sabedoria investigada por Sócrates, ou seja, sendo um indivíduo que julga não ser sábio e nada saber, Sócrates se coloca em melhores condições intelectuais que aqueles que se intitulam sábios, pois ao se julgarem sábios os indivíduos não conseguem compreender a ignorância latente que possuem. Os episódios em que Sócrates dialoga com os pretensos sábios, segundo o texto platônico, causaram a ira e as calúnias enfrentadas pelo filósofo.

Afastei-me dali e cheguei à conclusão de que era mais sábio que aquele homem, neste sentido, que nós, eu e ele, podíamos não saber nada de bom, nem de belo, mas aquele que acreditava saber e não sabia, enquanto eu, ao contrário, como não sabia, também não julgava saber, e tive a impressão de que, ao menos numa pequena coisa, fosse mais sábio que ele, ou seja, porque não sei, nem acredito sabê-lo. (Platão, 1999, p. 71)

Os artesãos famosos aos quais Sócrates indagou, de fato conheciam muitas coisas e sabiam muito sobre sua arte, mas assim como os políticos e os poetas não sabiam o suficiente

para serem humildes em não falar sobre outros assuntos dos quais nada sabiam. Ao contrário destes, Sócrates confirma o enigma de Delfos ao expressar que o verdadeiro saber consiste em saber que não se sabe.

Platão salienta as inimizades que o comportamento socrático causou entre as atenienses naquele período. Em sua defesa, Sócrates argumenta que tais inimizades causaram calúnias, acusações e a fama de que era sábio. Enquanto Sócrates, na *Apologia*, diz que apenas descobriria a ignorância de seus interlocutores, a opinião pública o considerava um sábio.

A existência miserável por conta de sua tarefa com deus, fez com que Sócrates, na *Apologia* escrita por Platão, se revelasse como um cidadão comum e indivíduo frustrado. Mas qual seria o sentido em afirmar que tentar compreender os dizeres do oráculo o impossibilitou de realizar algo importante para a cidade e sua casa? O pouco apreço pela economia doméstica e pela democracia é capaz, em certa medida, de justificar as palavras tão incisivas de Sócrates em relação ao pesar expressado diante da tarefa dada pelo deus. Essa tarefa consistia em nada menos que procurar a existência de algum homem que fosse sábio, trabalho que não alcançou êxito, uma vez que nenhum sábio foi encontrado por Sócrates entre os homens.

Por outro lado, se aceitarmos que Sócrates teve a vida feliz e a tarefa dos deuses o levou a refletir e enrijecer sua consciência, a existência miserável a qual se referiu consistia em algum tipo de ironia. Isso se torna possível na medida em que ao longo do texto de Platão, Sócrates insiste em fazer ressalvas em relação à maneira como fala e se expressa.

Vale ainda ressaltar que antes de apresentar o discurso de defesa contra Meleto, Sócrates diz que seus acusadores, quando questionados sobre o que Sócrates fez de errado, eles não possuem argumentos e fazem a Sócrates as mesmas acusações que faziam aos filósofos. Esse trecho do texto platônico lança curiosidade a respeito de como Sócrates se entendia, se como um filósofo, ou enquanto acusado com as mesmas falácias que os filósofos eram acusados.

O diálogo ainda dá certa dimensão dos atores sociais no contexto em que Sócrates enfrentou sua tarefa de inquirir aqueles que eram conhecidos como sábios. Os filósofos especulam sobre as coisas do céu e da terra, ensinam a não acreditar nos deuses e ensinam como melhores as piores razões. Sócrates parece ser entendido como um representante dos filósofos, e atribui a Meleto a identificação com os poetas, assim como Ânito com os políticos e os artesãos e Lícon com os oradores. É durante essa identificação de seus acusadores e de

personagens existentes na *polis* que Sócrates volta a assumir a dificuldade de convencer seus juízes da falsidade das acusações e calúnias sofridas por ele.

A *Apologia de Sócrates* apresenta a defesa de Sócrates contra as acusações na forma de uma interlocução entre Sócrates e seus acusadores. Nesse sentido, Sócrates fala a Meleto sobre a acusação de corrupção dos jovens, sobre não acreditar nos deuses e promover novos cultos. Nessa interlocução, Sócrates procura evidenciar que Meleto desconhece o que é educação e o que é corromper. Contudo, no desfecho do argumento a respeito da educação e da corrupção dos jovens, Sócrates assume que talvez por atitudes impensadas e sem querer tenha incomodado, mas não a ponto de ser punido, apenas censurado.

A conversa entre Sócrates e Meleto continua para a outra acusação, a de que Sócrates não acreditava nos deuses da cidade. Essa questão ainda arrasta outra: Sócrates não acreditava nos deuses ou empreendia a crença em novas divindades? Sócrates procura estabelecer essas questões em sua interlocução com Meleto. Nesse recorte, Sócrates procura evidenciar que a acusação de ateísmo não se mostrava consistente, pois como Sócrates poderia não acreditar nos deuses, mas acreditar nos filhos dos deuses, que por sua vez seriam os *daimonions*?

A relação de Sócrates e a filosofia reaparece:

(...) aqui, ao contrário, ao receber ordens do deus, ao menos conforme pude ouvir e interpretar essa mesma ordem, pela qual deveria viver filosofando e dedicando-me a conhecer a mim mesmo e aos outros, que, digo, por temor à morte ou a outra desgraça semelhante, tivesse desertado do posto a mim designado pelo deus. (Platão, 1999, p.80-81)

Na *Apologia de Sócrates*, escrita por Platão, o tema da morte aparece depois de Sócrates apresentar suas defesas das acusações que sofrera em 399 a.C. Nesse recorte, Sócrates enfatiza que a busca incessante pelo Bem, nem mesmo a morte pode ser obstáculo suficiente para impossibilitar sua busca. Assim como Aquiles que, diante das palavras que profetizavam sua morte, “negligenciou o perigo e a morte, receando muito mais viver miseravelmente sem vingar o amigo” (Platão, 1999, p.80).

Em seu discurso, Sócrates enfatiza que o que fez durante a vida em Atenas foi seguir de perto a ordem dada pelo deus, ou seja, viveu filosofando e buscando o conhecimento humano, de si mesmo e dos outros. Assim como na *Apologia de Sócrates* escrita por Xenofonte,

também na escrita por Platão é possível encontrarmos um Sócrates que diz a respeito da possibilidade da morte ser também um bem, não no sentido de que a morte seja de fato um bem, mas a falta de conhecimento que temos a respeito do que é a morte nos possibilita lidar com uma espécie de especulação a respeito da natureza da morte.

A busca incessante de Sócrates colocava como alvos a inteligência, a verdade e a alma. A própria vida simples e a pobreza de Sócrates, segundo ele, atestariam para uma maior preocupação voltada para o conhecimento e as indagações filosóficas do que o medo e o temor das penas e punições possíveis, sendo evidente para ele que não cometer injustiças e nem crueldades seria muito mais importante do que a própria vida ou morte.

A voz interior (*daimonion*) que sempre desautoriza algumas ações de Sócrates não o desautorizou diante dos juízes e durante seu julgamento. A voz ouvida por Sócrates desde criança que o desautoriza a realizar determinadas ações, também é objeto de estudos de vários especialistas; o *daimonion* socrático, portanto, é elemento central para entendermos a acusação de introdução de novos deuses.

Diferentemente do que ocorre no texto de Xenofonte, em Platão a proximidade entre Sócrates e o autor da *Apologia* é destacada no próprio texto. Platão é citado por Sócrates enquanto filho de Ariston e presente no julgamento de 399 a.C. Essa citação de Platão acontece quando Sócrates está mencionando a quantidade de conhecidos presentes nos julgamento e que possuíam algum tipo de relação com ele, alguns discípulos e outros parentes de discípulos. Sócrates quer demonstrar que não corrompe e nunca corrompeu a juventude, inclusive não os convidando a falar durante o processo.

Sócrates ao longo de seu julgamento fala também sobre sua família, que possui filhos e que nem por isso apela para essas questões em busca de misericórdia, algo tão comum e eficaz nas defesas diante do tribunal. O comportamento de Sócrates é exemplar, um arquétipo daquilo que seria um constante filosofar e investigar da sabedoria sem fazer concessões. Sócrates se distingue dos outros homens, segundo ele, pois não foi possível encontrar alguém que de fato fosse sábio – Sócrates, com efeito, nunca fora refutado – e que também nunca ensinou nada.

Sócrates ainda mostra preocupação com os homens da administração e do ordenamento jurídico, afirmando ser necessário distinguir de forma substancial esses homens das mulheres. Sócrates não pede misericórdia, é condenado e passa, então, a discutir sobre as possíveis penas que lhe imputaram.

Em relação aos seus condenadores, Sócrates afirma que um grande mal atingirá Atenas e que as consequências de sua condenação podem ser ainda piores e cruéis com a *polis* após a morte de Sócrates. A condenação de Sócrates mostraria as feridas e contradições da sociedade grega naquele contexto: após uma era de ouro, Atenas se via diante da hipocrisia e da política das facções.

Sócrates ainda reflete sobre a sua voz interior, seu *daimonion*, que não havia se manifestado em momento algum durante o dia de seu julgamento. Como o *daimonion* sempre o desautorizou a tomar alguma ação quando esta se mostrava não um Bem para Sócrates, o fato da voz interior não tê-lo chamado a atenção evidenciava que a morte e sua condenação não apareciam como mal, mas sim como um Bem para Sócrates.

Morrer é uma destas duas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então, como se costuma dizer, trata-se duma mudança, uma emigração da alma, do lugar deste mundo para outro lugar. Se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê nem sonha, que maravilhosa vantagem seria a morte! (Platão, 1999, p.95)

Sobre a morte, Sócrates propõe a reflexão de que ou a duração do tempo se conteria em apenas uma noite eterna, ou na morte nos colocaríamos diante dos verdadeiros juízes. A tradição do mundo de lá nos diz a respeito da contemplação daqueles que já se foram e, portanto, a morte não seria em si um mal. “Bem, é chegada a hora de partirmos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor destino, se eu, se vós, é segredo para todos, exceto para a divindade” (Platão, 1999, p.97).

Como característica marcante, a distinção entre a quantidade de textos que Platão escreveu tendo Sócrates como personagem principal se comparada com a de Xenofonte norteia de forma substancial a leitura desses “dois” Sócrates. No diálogo *Críton*, por exemplo, Platão descreve a conversa entre Sócrates e seu discípulo dentro da cela antes da morte do filósofo. Ou seja, percebe-se que, em Platão, Sócrates é apresentado numa grande riqueza de detalhes, de diálogos e teses filosóficas.

A vinculação da vida cultural com a vida na Cidade-Estado grega resultou numa relação política única, ou seja, o grego antigo concebia a si mesmo como um cidadão ou indivíduo inclinado à organização da *polis*. A procura por soluções políticas e o estabelecimento de uma

reflexão crítica a respeito da democracia ateniense fez com que Platão se tornasse um dos maiores pensadores da Antiguidade.

A crítica à democracia ateniense e a procura por soluções políticas do mundo grego foram preocupações centrais da vida e da obra daquele que é por muitos considerado o maior pensador da Antiguidade: Platão. Nele, filosofia e ação política estiveram permanentemente interligadas, pois alimentou sempre a convicção de que “os males não cessarão para os humanos antes que a raça dos puros e autênticos filósofos chegue ao poder, ou antes, que os chefes da cidade, por uma divina graça, ponham-se a filosofar verdadeiramente” (Pinheiro, 1999, p.09).

Platão considerava Sócrates o mais sábio e o mais justo entre os homens. O mestre filósofo é fundamental na construção intelectual de Platão, a busca pela verdade colocava a *episteme* (ciência) como fundamento de superação da *doxa* (opinião). Isso de fato ocorria mediante a dialética socrática que possibilitava o nascimento do conhecimento por meio da definição e análise das hipóteses possíveis para a solução de um determinado problema ou questão.

Considerações finais

A respeito das distinções entre os textos de Xenofonte e Platão no que tange as acusações e o julgamento de Sócrates podemos afirmar num primeiro momento que o próprio conteúdo dos textos se difere, assim como a maneira com que esse conteúdo é abordado em cada um dos autores. Enquanto Xenofonte apresenta um texto rápido e por vezes simplório, Platão se demora um pouco mais sobre as razões e argumentos do mestre Sócrates, podendo-se interpretar a *Apologia* como um discurso de elogio à filosofia na figura de seu mestre.

Para isto vale mencionar que, enquanto o assunto das acusações e do julgamento de Sócrates em Xenofonte ganha algumas páginas em dois diálogos, em Platão, ao mínimo quatro diálogos versam sobre os acontecimentos em 399 a.C em Atenas, são eles: *Eutífron*, *Apologia de Sócrates*, *Críton* e *Fédon*. Mas essas distinções não se esgotam apenas na quantidade de texto dedicada a Sócrates. É importante salientar que Platão apresenta uma maior profundidade e riqueza de detalhes em sua narrativa, em alguns momentos passa até mesmo a sensação de estarmos acompanhando os acontecimentos de 399 a.C em sua duração experimentada pelos contemporâneos de Sócrates, além disso, Platão faz filosofia com esses acontecimentos.

Em Xenofonte, Sócrates apresenta mais claramente sua desconfiança acerca dos males da velhice, já em Platão a preocupação parece sempre ser a de uma análise mais profunda, lógica e baseada em princípios éticos, ou seja, filosofia. A respeito dos participantes do julgamento, em Platão existem citações e comentários a respeito de vários cidadãos ali presentes, já em Xenofonte essa riqueza de detalhes não aparece tão diretamente.

Em Platão, os discursos de Sócrates são mais longos, complexos e parecem visar o convencimento dos juízes, mas de fato os discursos de Sócrates na *Apologia* visam o elogio incondicional ao que entende por filosofia, mesmo que isso o leve à morte. em Xenofonte essa preocupação aparece mais velada. Enquanto a preocupação de Xenofonte é relembrar o fato imponente do julgamento de Sócrates, em Platão essa preocupação se transforma em educação e construção de conhecimento, e dessa forma, por meio do relato do julgamento do mestre filósofo, fazer filosofia.

Como salienta Goto (2010), a condenação de Sócrates (470-399 a.C) carrega através dos relatos de Platão e também os de Xenofonte, a relação política implícita entre a prática filosófica de Sócrates e sua concepção de Democracia, na qual o filosofar manifesta um direito e um dever do cidadão ateniense. Alguns episódios podem ser destacados, acompanhando

Goto, no intento de demonstrar a relação complexa existente entre Sócrates e a Assembléia ateniense.

Um deles data de 406 a.C., quando Sócrates, sorteado para representar sua tribo na Boulé e exercendo a prítania, opôs-se a que os estrategos que lideraram os atenienses na batalha naval das Arginusas fossem julgados em bloco pela acusação de não terem recolhido os náufragos. A lei ordenava que os julgamentos fossem individuais (...) (GOTO, 2010, p.107).

Levando o contexto da guerra em consideração e assumindo que tal situação era muito significativa para as sociedades gregas, é possível dizer que Sócrates enfrenta a opinião pública em defesa da conformidade com a lei. O direito e o dever de filosofar do cidadão não consistem, entretanto, ao simples emitir de opiniões ou ainda a defesa não consciente de teses e ideias pessoais, mas acima de tudo permite ao cidadão o conhecimento das leis e a defesa do cumprimento das mesmas, e é por isso que Sócrates se recusa a fugir da prisão, quando teve a oportunidade de fazê-lo.

O enfrentamento de Sócrates perante a opinião pública também pode ser evidenciado, segundo Goto, em um episódio acontecido em 404 a. C quando Atenas era dominada pela conhecida Tirania dos Trinta. Os tiranos promoveriam um banho de sangue após o apoio vindo das tropas espartanas comandadas por Lisandro, que haviam vencido a Guerra do Peloponeso (431-404). Nesse contexto de caça, inclusive aos próprios líderes, assim como Terâmenes, os tiranos passaram a executar as pessoas eminentes, como afirma Aristóteles na Constituição de Atenas (XXXV, 4), não poupando nenhum cidadão, espoliando seus bens e suprimindo seus anseios, matando cerca de mil e quinhentos indivíduos.

(...) fui chamado com outros quatro à Rotunda pelos Trinta e estes nos ordenaram que fôssemos a Salamina buscar a Leão Salamínio para morrer; a muitas outras pessoas eles davam ordens semelhantes, no intuito de comprometer o maior número possível. Nessa ocasião, de novo, por atos, não por palavras, demonstrei que à morte – desculpai a rudeza da expressão – não ligo mais importância que a um figo podre, mas a não cometer nenhuma injustiça ou impiedade, a isso sim dou o máximo valor. A mim, aquele governo, poderoso como era, não conseguiu forçar-me a uma injustiça; ao deixarmos a Rotunda, os quatro seguiram para Salamina e trouxeram Leão, mas eu voltei para casa. Bem podia ter morrido por isso, se aquele governo tardasse a cair. (Platão, 1999, p. 85, 32c)

Nesse episódio, Sócrates, segundo o testemunho de Platão, insiste em sua busca pela justiça e pela piedade. Mesmo diante das ordens dos tiranos, Sócrates, por meio de ações, continua em prol do combate às injustiças. O peso da morte não amedronta Sócrates, que opta pelo seu ímpeto principal e ainda afirma a própria possibilidade de morrer caso a Tirania dos Trinta tivesse se postergado. Além de enfrentar o perigo real da morte, Sócrates vai continuamente acumulando a ira e o ódio de seus adversários políticos, ou seja, aqueles que em detrimento da lei procuravam saciar suas próprias vontades particulares por meio de razões irrefletidas.

Esses dois episódios, segundo Goto (2010), são fundamentais para compreender a ira ateniense que recaiu sobre Sócrates por meio das acusações de corrupção, ateísmo e impiedade em 399 a.C. O fato de Sócrates receber certa repulsa de seus concidadãos por questões políticas como as mencionadas acima, é salientado pelo próprio filósofo dentro do registro feito por Platão na *Apologia de Sócrates*. Platão faz questão de ressaltar os momentos dos discursos de Sócrates durante o julgamento, os quais o próprio filósofo aponta como causadores de certa repulsa por sua pessoa.

Seria possível encontrar nas obras de Platão e Xenofonte esses mesmo indicativos? Ou ainda, a repulsa política sofrida por Sócrates recebe o mesmo tratamento nos dois autores? Seria evidente para a sociedade ateniense que a condenação de Sócrates se deu por questões políticas instigadas pela desobediência de Sócrates para com os homens e seu seguimento reto das leis? É claro que as acusações sofridas por Sócrates também são tratadas nos discursos relatados, principalmente em Platão, onde recebem uma dedicação maior, mas em que medida essas acusações são ou não o objetivo central da reflexão de Sócrates ficará mais evidente posteriormente.

Por outro lado, Godoy (2003) indica certa prudência e cuidado para com o estudo de episódios históricos. “O tempo presente inventa o passado, justificando-se. É o que se dá, entre outros, com a miragem helênica, cujas contradições são captadas com o julgamento de Sócrates” (GODOY, 2003, p. 12). Para Godoy, muito se fala sobre o inconformismo de Sócrates, porém se faz necessário compreender que além de inconformado, Sócrates se mostrava um crítico da sociedade democrática ateniense, enquanto que, por outro lado, elogiava regimes menos democráticos, como o de Esparta.

A vida e o comportamento de Sócrates provocaram ódio e invejas em seus concidadãos, em parte devido a sua postura investigativa, que, por meio da maiêutica desestabilizava seus interlocutores os obrigando a darem razão a aquele homem simples, sem bens, sem status social e sem camisa, como salienta Godoy.

Em meio às possíveis interpretações de quem fora de fato Sócrates, temos ao menos três perspectivas que devem ser levadas em conta: a imagem ocidental recorrente de um Sócrates bem intencionado e injustamente condenado, um Sócrates alienado, ridículo e ímpio, e o Sócrates filósofo. Neste trabalho buscou-se analisar as perspectivas de Platão e Xenofonte a respeito da condenação de Sócrates, e nesse sentido, a visão cômica de Aristófanes não nos apareceu como objeto para este estudo.

Em Xenofonte, Sócrates é colocado como ideal de sabedoria, o qual por meio da busca e do entendimento a respeito do belo, do justo e do útil considerava seus interlocutores e os colocavam no rumo da razão investigativa da própria natureza e existência humana. Segundo Godoy, o texto de Xenofonte se propõe a fazer justiça por meio das palavras e dos argumentos, seu intento é legar uma memória condizente com o mestre-sábio. É nesse sentido que Godoy afirma que a causa da morte de Sócrates não foi a cicuta, mas sim a inveja existente naqueles que o acusavam. Sócrates estava incubido do espírito filosófico e desenvolvendo sua consciência a um nível que assustou e levantou alarde em seus concidadãos, os quais, diante de uma sabedoria do “não saber”, não souberam lidar de forma razoável, destilando em Sócrates os sintomas de uma sociedade doente e estagnada.

As narrativas existentes nas *Apologias* reforçam a defesa da inocência de Sócrates, aquele que direcionava os jovens para o caminho do bem através da prática precedida pela temperança. Xenofonte faz questão de, em inúmeras passagens, exaltar a excelência da vida de Sócrates; Platão, por sua vez, oferece uma gama maior de escritos sobre o mestre e ainda redobra a dificuldade ao colocar em seus diálogos a personagem Sócrates que nem sempre aparece preocupado com suas próprias ideias e argumentos, mas sim em demonstrar o próprio método platônico dialético por meio dos diálogos. Enquanto Xenofonte preenche seu texto com afirmações a respeito da vida pregressa de Sócrates, seu cotidiano e seu aspecto salutar na vida ateniense, sua postura diante do tribunal e suas reflexões após a condenação, Platão elenca diversos detalhes e nuances do julgamento do mestre ateniense, fazendo com que a defesa proferida por Sócrates soasse com um desafio para seus acusadores e um testemunho histórico

de que as acusações não possuíam força argumentativa suficiente para superar o raciocínio de Sócrates.

A condenação de Sócrates oferece desdobramentos até os dias atuais, apenas um dos textos aqui analisados já diria muito a respeito de tal narrativa. O contexto político no qual o julgamento de Sócrates está inserido é fundamental para entendermos a efervescência de ideias e conflitos retóricos e oratórios enfrentados pelo filósofo na cidade-estado Atenas por volta do ano 399 a.C. Em relação a esse contexto, buscamos aqui evidenciar que Sócrates representava certo perigo à ordem estabelecida em Atenas. Sua crítica às mazelas de sua sociedade e sua denúncia das injustiças políticas praticadas pelas autoridades atenienses foram traços marcantes de seu discurso e de sua prática filosófica. Sócrates, portanto, representa em ambos os casos, tanto em Platão como em Xenofonte, o ideal do ser humano autônomo e que busca a verdade e o conhecimento das coisas do céu e da terra. O autoconhecimento socrático e sua dúvida metódica foram fundamentais para o parto intelectual de diversos de seus discípulos tornando-os assim indivíduos capazes de julgamento e de crítica.

Nosso trabalho buscou compreender que Sócrates foi julgado e condenado, recebeu 380 votos para sua condenação e 321 votos a favor de sua absolvição, como consta na obra platônica, e, para além disso, o mestre ateniense ainda demonstraria em seu julgamento todas as falácias e argumentos errôneos a seu respeito e acerca de suas atitudes cotidianas em Atenas. Nesse sentido, Sócrates denuncia a soberba, arrogância e despreparo de seus acusadores, sendo também incapaz de convidar algum de seus discípulos para defendê-lo. Ora, convidar alguém para sua defesa seria de certa forma admitir de algum modo as acusações que sofreu em 399 a.C. Ao contrário disso, na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão é possível perceber uma riqueza argumentativa, mais significativa que a encontrada em Xenofonte, a respeito da atuação política de Sócrates, assim como um mestre capaz de destruir os fundamentos de suas acusações, transformando-as em atentados intelectuais e perigosos desvios argumentativos que mais prejudicam a sociedade ateniense que contribuem para o fortalecimento e organização de Atenas. Isso fica evidente na profecia de Sócrates, na qual os males que Atenas será submetida serão muito mais altos e cobrarão muito mais caro da sociedade ateniense que a própria condenação de Sócrates, na medida em que a condenação de Sócrates evidencia uma sociedade despreparada, ignorante e preparada para sua própria destruição enquanto projeto de civilização.

Nossos objetos de análise ofereceram a defesa da ideia de que Sócrates sofreu não só com as acusações de impiedade e corrupção de jovens, mas, sobretudo pelo rancor e ódio político. Sua atuação justa e corajosa diante de episódios mencionados anteriormente, esses episódios buscam evidenciar Sócrates enquanto sujeito justo, capaz de enfrentar a tirania para continuar no rumo da busca pela justiça e da verdade, capaz de perder prestígio social e econômico em troca da consciência justa e da vida digna de ser vivida. Nesse sentido, as acusações de corrupção e impiedade soariam apenas como sussurros intelectuais que não seriam capazes de abalar a segurança e o equilíbrio socrático.

Por outro lado, é possível identificar indícios de um Sócrates crítico à democracia, ou seja, Sócrates entendia que o cidadão deveria zelar pela lei, a assembleia não deveria substituir a sabedoria dos sábios, e a verdade, o bem, o justo e útil deveriam ser objeto de busca por parte de todos. Deste ponto de vista, nosso trabalho buscou demonstrar que Sócrates acabaria por representar a crítica ao modelo democrático, uma contraposição à aclamação popular e um enfrentamento dos discursos autoritários e que depositavam sua razão na força e no poder daqueles que os proferiram.

Concluimos, portanto, que muito pode ser apreendido a partir das narrativas de Xenofonte e Platão a respeito do julgamento de Sócrates e da própria figura de Sócrates. Essa compreensão, por sua vez, avança no sentido de buscar entender aspectos submetidos e encobertos pelas acusações formais oferecidas contra Sócrates, como por exemplo, a perseguição política sofrida por Sócrates desde suas recusas em votar a respeito do julgamento coletivo em 406 a.C e a perseguir Leão de Salamina em 404 a.C. Esses dois episódios, como destacados anteriormente, justificam em certa medida a ideia de que Sócrates não enfrentava em seu julgamento apenas as acusações de impiedade, ateísmo e corrupção dos jovens, mas como também todo rancor guardado pela elite política de Atenas ao longo de sua vida e seu histórico de atitudes contrárias à vontade popular.

O ideal socrático em ambas as obras ainda salientam o caráter bom de Sócrates, sua sabedoria, simplicidade e inteligência seriam contrapontos a uma sociedade viciada e que apresentava consideráveis contradições sociais e políticas. Por fim, as narrativas de Platão e Xenofonte, apesar de apresentarem distinções, reafirmam o compromisso socrático com a verdade e seu zelo para com a razão, destacam as injustiças e a fraqueza de suas acusações, atestam a coragem e a justiça praticada por Sócrates e expressam a virtuosidade do sábio capaz

de aceitar a própria morte por não acreditar integralmente que se trate de um mal quando analisada em relação a uma vida justa, corajosa, verdadeira e sábia.

O fato de Sócrates ser um filósofo público o tornou único, assim nos afirma Goto (2010) quando diz que após Sócrates nenhum outro filósofo realizou sua filosofia em praça pública unindo a linguagem e a ação num só movimento da vida. Nesse sentido, Sócrates igualou o filosofar e a própria cidadania, onde o viver é filosofar e o filosofar é o próprio viver. Sócrates é, portanto, exemplo vivo do que ele diz, sendo o modelo de coerência entre o que se pensa e o que se faz. O existir de Sócrates é sua própria obra, e a riqueza de tal obra fundamenta aquilo que dele foi escrito. Na perspectiva do historiador Sócrates apresenta um enigma, mas na perspectiva da filosofia Sócrates expressa uma existência que escapa à História.

Referências

- DINUCCI, A. (2009). Sócrates por Xenofonte: a filosofia em ação para a construção de um homem integralmente forte e senhor de si mesmo. *Nuntius antiquus*, nº 2. Belo Horizonte, 2009
- GODOY, A. S. de M. O julgamento de Sócrates. *Seqüência estudos Jurídicos Políticos*, 24(46), 11–28. 2003
- GOTO, R. O cidadão Sócrates e o filosofar numa democracia. *Dossiê: Ensino de filosofia e cidadania • Pro-Posições* 21 (1) • Abr 2010
- DE STRYCKER, E., and SLINGS, S. R. *Plato's Apology of Socrates*. Leiden, 1994.
- PINHEIRO, A. E. *O Sócrates de Xenofonte*. *Humanitas* 60, p.101-113. 2008
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates, Eutífron, Críton*. Tradução de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- PLATÃO. *Coleção Os Pensadores*. Editora Nova Cultural LTDA. São Paulo, 1999
- XENOFONTE. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Ana Elias Pinheiro. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

PLANO DE CURSO

Introdução

O presente plano de curso para Filosofia no Ensino Médio terá como foco o eixo três do CBC de filosofia, o Conhecimento. A partir dos conceitos e temáticas abordadas no trabalho de conclusão de curso, procurarei apresentar alguns temas como; Verdade e Validade, Emergência da filosofia, Tipos de conhecimento, Ética e ciência, Revolução científica. O plano de curso foi direcionado para o 1º ano do Ensino Médio.

Justificativa e Objetivos

Este plano de curso visa apresentar uma visão panorâmica sobre a concepção de conhecimento e de que maneira esse conceito foi sendo forjado ao longo dos séculos. Procuraremos evidenciar que Sócrates, tanto em Platão quanto em Xenofonte, aparece como figura central da busca humana pelo conhecimento verdadeiro e o próprio filosofar.

No primeiro bimestre abordaremos o pensamento de Platão. Será realizado dinâmicas em torno do texto platônico da *Apologia de Sócrates* (Leitura, interpretação, fichamentos etc).

No segundo bimestre abordaremos o Sócrates de Xenofonte. Nesse sentido, buscaremos trabalhar a interlocução com a História e o caráter pragmático de Sócrates dentro da sociedade ateniense.

No terceiro bimestre mobilizaremos outros autores como Tomás de Aquino, Kant, Mary Wollstonecraft. Nesse sentido, utilizaremos o conteúdo disponível no livro didático de Filosofia.

No quarto bimestre buscaremos refletir sobre o que é o conhecimento e qual a importância dessa reflexão na sociedade.

Metodologia

Usarei os recursos tradicionais e alternativos na busca da construção da aprendizagem em sala de aula . Exibição de vídeos a fim de ilustrar o conteúdo lecionado. Passeios guiados. Aula expositiva. Leitura de textos filosóficos e não filosóficos. Escrita de textos. Produção de material midiático.

Em cada bimestre existirão três notas a serem avaliadas. A primeira será referente ao desempenho do aluno em sala de aula, presença, participação, respeito, e valerá vinte por cento

da nota final. A segunda nota será referente a um trabalho a ser apresentado ou em forma de texto ou em forma de material midiático, valerá quarenta por cento da nota final. A terceira nota será referente a uma avaliação bimestral e valerá quarenta por cento da nota final de cada bimestre.

Presume-se que haverá em torno de 08 aulas por bimestre, visto que a disciplina de Filosofia possui apenas 01 aula semanal. Ao todo, o ano letivo terá uma média de 32 aulas de Filosofia.

Roteiro de aulas

ROTEIRO DE AULA
AULA 1
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidade dos saberes
ASSUNTO: Tipos de conhecimento
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar filosofia, religião, técnica, arte e ciência. Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência. Confrontar a racionalidade filosófica e a racionalidade científica, através de suas rupturas e continuidades.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O que distingue a filosofia dos outros saberes? A ciência é um avanço com relação à filosofia? Todo conhecimento é científico? Existe uma ruptura entre o senso comum e o conhecimento científico? Existe um saber do senso comum? Verdades empíricas são mais fáceis de refutar? É a indução logicamente fundamentada?
AValiação: Produção de texto

ROTEIRO DE AULA
AULA 2
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidade dos saberes

ASSUNTO: Apologia de Sócrates
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar filosofia, religião, técnica, arte e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O que distingue a filosofia dos outros saberes?
AValiação: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 3
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidade dos saberes
ASSUNTO: Apologia de Sócrates
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar filosofia, religião, técnica, arte e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: O que distingue a filosofia dos outros saberes?
AValiação: Leitura de um trecho de Apologia de Sócrates, escrita por Platão

ROTEIRO DE AULA
AULA 4
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidade dos saberes
ASSUNTO: Apologia de Sócrates
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar filosofia, religião, técnica, arte e ciência.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

O que distingue a filosofia dos outros saberes?

Apresentar as diretrizes para a elaboração do trabalho que pode ser feito no formato de texto ou em formato de vídeo ou apresentação artística. O tema será a distinção entre conhecimento e opinião

AVALIAÇÃO:

Trabalho em grupo

ROTEIRO DE AULA

AULA 5

TEMA: Conhecimento

TÓPICO/CONTEÚDO:

Diversidade dos saberes

ASSUNTO:

Apologia de Sócrates

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar filosofia, religião, técnica, arte e ciência.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

A crítica de Sócrates ao sistema político de Atenas?

AVALIAÇÃO:

Participação

ROTEIRO DE AULA

AULA 6

TEMA: Conhecimento

TÓPICO/CONTEÚDO:

Diversidade dos saberes

ASSUNTO:

Apologia de Sócrates

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Confrontar a racionalidade filosófica e a racionalidade científica, através de suas rupturas e continuidades.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

O que distingue a filosofia dos outros saberes?

AVALIAÇÃO:

Participação

ROTEIRO DE AULA

AULA 7
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Distinguir opinião de ciência
ASSUNTO: Apologia de Sócrates
HABILIDADES/OBJETIVOS: Contextualizar o surgimento da Filosofia
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Contar um Mito (Hércules) Roda de conversa.
AValiação: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 8
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Diversidade dos saberes
ASSUNTO: Apologia de Sócrates
HABILIDADES/OBJETIVOS: Relacionar filosofia e política
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Apresentação dos trabalhos.
AValiação: Pequena produção de texto.

ROTEIRO DE AULA
AULA 9
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Filosofia como experiência existencial
ASSUNTO: A utilidade do Sócrates de Xenofonte
HABILIDADES/OBJETIVOS:

Contextualizar o surgimento da filosofia.
Caracterizar o filosofar como experiência existencial.
Relacionar mito e filosofia.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Há ruptura ou continuidade entre mito e filosofia?
Há uma lógica do mito?
O pensamento dos homens primitivos é infantil?
Os mitos ainda estão presentes na sociedade contemporânea?
Roda de conversa

AValiação:

Participação

ROTEIRO DE AULA

AULA 10

TEMA: Conhecimento

TÓPICO/CONTEÚDO

Filosofia

ASSUNTO:

O Sócrates de Xenofonte

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Caracterizar o filosofar como experiência existencial.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Há ruptura ou continuidade entre mito e filosofia?
Os mitos ainda estão presentes na sociedade contemporânea?
Aula expositiva sobre o pensamento de Nietzsche.

AValiação:

Participação

ROTEIRO DE AULA

AULA 11

TEMA: Conhecimento

TÓPICO/CONTEÚDO:

Emergência da Filosofia

ASSUNTO:

O Sócrates de Xenofonte

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Caracterizar o filosofar como experiência existencial.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Há ruptura ou continuidade entre mito e filosofia?
Os mitos ainda estão presentes na sociedade contemporânea?
Aula expositiva sobre o pensamento de Nietzsche.
Apresentação das diretrizes para o trabalho a ser entregue em texto, material multimídia ou apresentação artística.
Tema do trabalho será a concepção de ciência até os anos 1900

AValiação:

Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 12
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Emergência da Filosofia
ASSUNTO: O Sócrates de Xenofonte
HABILIDADES/OBJETIVOS: Caracterizar o filosofar como experiência existencial.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Assistir a uma cena do Filme “Sócrates” Dirigido por Roberto Rossellini
AValiação: Participação na roda de conversa

ROTEIRO DE AULA
AULA 13
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Emergência da Filosofia
ASSUNTO: As diferenças e semelhanças entre o “Sócrates” de Xenofonte e o “Sócrates” de Platão
HABILIDADES/OBJETIVOS: Caracterizar o filosofar como experiência existencial. Distinguir dois objetos filosóficos
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Quadro comparativo
AValiação: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 14
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Emergência da Filosofia
ASSUNTO: Xenofonte e Platão
HABILIDADES/OBJETIVOS: Caracterizar o filosofar como experiência existencial.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:
Roda de conversa
AVALIAÇÃO:
Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 15
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO:
Emergência da Filosofia
ASSUNTO:
O que é o conhecimento?
HABILIDADES/OBJETIVOS:
Caracterizar o método dialético de Platão Caracterizar o método histórico de Xenofonte
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:
Problematizar o conhecimento
AVALIAÇÃO:
Leitura do texto

ROTEIRO DE AULA
AULA 16
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO:
Emergência da Filosofia
ASSUNTO:
Avaliação
HABILIDADES/OBJETIVOS:
Caracterizar o filosofar como experiência existencial.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:
Avaliação Bimestral
AVALIAÇÃO:
Prova escrita

ROTEIRO DE AULA
AULA 17
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO:
Apresentação de trabalhos

ASSUNTO: Conhecimento
HABILIDADES/OBJETIVOS: Apresentação da pesquisa Produção de texto ou audiovisual
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Apresentação
AVALIAÇÃO: Clareza Coesão Conteúdo

ROTEIRO DE AULA
AULA 18
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: O conhecimento da coisa em sim
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar sujeito e objeto
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Apresentação do contexto filosófico de Kant
AVALIAÇÃO: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 19
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: O conhecimento da coisa em sim
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar sujeito e objeto
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Apresentação do contexto filosófico de Kant

AVALIAÇÃO:

Participação

ROTEIRO DE AULA

AULA 20

TEMA: Conhecimento**TÓPICO/CONTEÚDO:**

Objetividade e Verdade

ASSUNTO:

O conhecimento da coisa em sim

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar sujeito e objeto

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Apresentação da Crítica da Razão Pura

AVALIAÇÃO:

Leitura

ROTEIRO DE AULA

AULA 21

TEMA: Conhecimento**TÓPICO/CONTEÚDO:**

Objetividade e Verdade

ASSUNTO:

O conhecimento da coisa em sim

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar sujeito e objeto

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Aula expositiva sobre A crítica da Razão Pura

AVALIAÇÃO:

Participação

ROTEIRO DE AULA

AULA 22

TEMA: Conhecimento**TÓPICO/CONTEÚDO:**

Objetividade e Verdade

ASSUNTO:
O conhecimento da coisa em sim
HABILIDADES/OBJETIVOS:
Distinguir e relacionar sujeito e objeto
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:
Apresentação de conceitos básicos em Kant
AValiação:
Visto no caderno

ROTEIRO DE AULA
AULA 23
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO:
Objetividade e Verdade
ASSUNTO:
A racionalidade
HABILIDADES/OBJETIVOS:
Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:
Apresentação do contexto filosófico de Mary Wollstonecraft
AValiação:
Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 24
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO:
Objetividade e Verdade
ASSUNTO:
A racionalidade
HABILIDADES/OBJETIVOS:
Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:
Apresentação do contexto filosófico de Mary Wollstonecraft
AValiação:
Perguntas e respostas

ROTEIRO DE AULA
AULA 25
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: A racionalidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Leitura de um trecho de “A reivindicação dos direitos da Mulher”
AVALIAÇÃO: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 26
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: A racionalidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: A importância da educação
AVALIAÇÃO: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 27
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: A racionalidade

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Avaliação Bimestral

AVALIAÇÃO:

Prova escrita

ROTEIRO DE AULA

AULA 28

TEMA: Conhecimento

TÓPICO/CONTEÚDO:

Objetividade e Verdade

ASSUNTO:

A racionalidade

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Apresentação de trabalhos e visto no caderno

AVALIAÇÃO:

Acompanhamento do conteúdo

ROTEIRO DE AULA

AULA 29

TEMA: Conhecimento

TÓPICO/CONTEÚDO:

Objetividade e Verdade

ASSUNTO:

A racionalidade

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Roda de conversa

AVALIAÇÃO:

Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 30
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: A racionalidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Produção de cartazes sobre “o que é o conhecimento”
AValiação: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 31
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: A racionalidade
HABILIDADES/OBJETIVOS: Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.
DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES: Revisão
AValiação: Participação

ROTEIRO DE AULA
AULA 32
TEMA: Conhecimento
TÓPICO/CONTEÚDO: Objetividade e Verdade
ASSUNTO: A racionalidade

HABILIDADES/OBJETIVOS:

Distinguir e relacionar: conhecimento empírico e conhecimento inteligível; racionalidade e crença; opinião e ciência.

DESENVOLVIMENTO/ATIVIDADES:

Fechamento das atividades

AValiação:

Participação

Referência

Conteúdo Básico Comum (CBC) de FILOSOFIA do Ensino Disponível em:
<https://studylibpt.com/doc/4091403/conte%C3%BAdo-b%C3%A1sico-comum--cbc--de-filosofia-do-ensino-m%C3%A9dio> Acessado em 01/06/2023.